

DESTAQUE

HOLOCAUSTO

memória da guerra para o Estado hebraico, com comemorações militares, pessoas vestindo os seus uniformes da altura, etc.”, conta o professor da Universidade Hebraica.

Alemanha não é excepção

Poderia pensar-se que a Alemanha, o país dos criminosos, e que é visto como o modelo exemplar na forma como lida com o passado, escapa deste uso utilitário da memória. Mas Tobias Ebbrecht-Hartmann sublinha que também no país houve mudanças significativas, e pragmatismo.

“Mesmo na Alemanha houve muita vitimização, durante 40 anos o tema do sofrimento durante a guerra foi muito forte, havia a ideia de que a *Wehrmacht* [o exército regular] era um exército moral, e apenas os nazis tinham cometido crimes”, um mito que se manteve até meados dos anos 1970, por exemplo.

“Mas após a reunificação, a Alemanha quis provar que mudou”, depois de também perceber que “confrontar directamente o passado é uma vantagem nas relações internacionais”, diz Ebbrecht-Hartmann.

Isto “não quer necessariamente dizer que seja um reflexo de um entendimento profundo na sociedade”: o partido de direita radical Alternativa para a Alemanha (AfD), por exemplo, tem criticado muito a cultura de memória (embora se tente apresentar como um partido pró-Israel e pró-judeus, tendo mesmo uma “ala judaica”).

Tobias Ebbrecht-Hartmann lamenta este revisionismo. “Gostava que encontrássemos modos de proteger a memória deste sequestro político.” Com as testemunhas directas a desaparecer, “talvez isto seja um prenúncio do que vai acontecer”, avança.

De qualquer modo, o especialista rejeita a ligação, feita na conferência de Jerusalém no Yad Vashem (organizada pelo Congresso Mundial Judaico, liderado por Moshe Kantor, próximo de Putin), entre assinalar o Holocausto e lutar contra o anti-semitismo: “Recordar o Holocausto e lidar com a memória do Holocausto é muito importante, mas não é a estratégia educacional certa para combater o anti-semitismo”, sublinha. “A luta contra o anti-semitismo exige uma estratégia muito mais complexa.”

mguimaraes@publico.pt

Como não deixar morrer as histórias dos sobreviventes do Holocausto

Maria João Guimarães

Já só restam 400 mil sobreviventes ainda vivos, o que acontecerá quando já não existir ninguém para dar conta do que se passou?

A cada aniversário do Dia das Vítimas do Holocausto se repete a pergunta, que ganha a cada ano mais importância: como preservar os relatos dos testemunhos directos da Shoah? No 75.º aniversário, apenas 400 mil sobreviventes continuam vivos, e se muitos ainda conseguem repetir as suas histórias – em sessões públicas, entrevistas, ou sessões mais pequenas em que podem responder a perguntas –, outros já não. E o temor do que acontecerá quando morrer o último sobrevivente é comum a historiadores, responsáveis de museus, e aos próprios sobreviventes.

Um dos projectos mais ambiciosos neste âmbito é o Forever Project, do National Holocaust Center and Museum, no Reino Unido, em que hologramas de sobreviventes respondem em tempo real a perguntas postas pela audiência.

Dez sobreviventes, agora com 70 ou 80 anos, foram filmados durante dias de entrevistas, respondendo a até 1400 perguntas postas por milhares de crianças que visitaram o museu em mais de 20 anos. Perante uma sala, estão presentes em holograma. A audiência faz perguntas, o holograma responde, tudo é ligado com ajuda de um programa de reconhecimento de linguagem e algoritmo. É uma experiência mediada e limitada pelo que foi gravado e pela capacidade dos programas, mas permite participação activa de quem ouve.

Esta participação é comum a muitos destes projectos e é a componente essencial para o seu sucesso, nota, numa conversa telefónica com o PÚBLICO, Tobias Ebbrecht-



Sobreviventes visitam o campo de concentração de Auschwitz

“Toda a gente tem medo de que venha a haver uma aplicação de realidade virtual em Auschwitz, 1943

Tobias Ebbrecht-Hartmann
Univ. Hebraica de Jerusalém

Hartmann, professor do departamento de Comunicação da Universidade Hebraica de Jerusalém, e que faz parte de um consórcio europeu a trabalhar no projecto “História visual do Holocausto: repensar a curadoria na era digital”.

Outro tipo de experiência que tem vindo a ser oferecida é em locais que hoje são muito diferentes, dar *tablets* com imagens para ver o que existiu e onde: o ter de acertar com o local faz toda a diferença de cartazes informativos, por exemplo. No campo de concentração de Bergen-Belsen, na Alemanha, onde quase nada restou

(o campo foi queimado pelos britânicos, que temiam doenças), é possível receber os *tablets* e ver o que havia no local que se pisa no momento.

Neste caso, existiu o cuidado que também é comum a muitas destas experiências com tecnologia: o que é mostrado é um desenho abstracto do que estava e não uma reconstrução. “Não podemos sentir o que sentiram as pessoas, por isso, não queremos ter tecnologia ‘imersiva’ a simular o passado, uma ilusão tipo jogo de computador”, sublinha o investigador.

“Toda a gente tem medo de chegar a haver uma aplicação de realidade virtual em Auschwitz em 1943 ou 44 em que as pessoas cheguem a uma plataforma a ter uma experiência de selecção”, explica, referindo-se à altura em que os prisioneiros chegavam e eram divididos, alguns eram considerados aptos a trabalhar e mandados para um lado, e sobreviviam, outros para outro lado, e iam directamente para as câmaras de gás onde morriam.

O que esta tecnologia quer não é recriar o passado, mas sim “ligá-lo com o presente”, dar hipótese de contextualização, informação sobre quantas pessoas estiveram num dormitório, que estruturas havia, mostrar histórias de pessoas que passa-

ram por lá, por exemplo.

Na tentativa de ligar o passado e o presente, um projecto, “Eva Stories”, teve uma recepção menos unânime. É uma conta de Instagram de uma adolescente, Eva, como se estivesse em 1944 e Eva Heyman, 13 anos, judia húngara assassinada em Auschwitz, tivesse uma conta na rede social.

Foi lançado no ano passado em Israel e houve quem dissesse que estava “a um passo de *selfies* em frente aos portões de Auschwitz”. Ebbrecht-Hartmann tem outra opinião, e acha que o projecto, de vídeos curtos, é “interessante” pelo potencial não de levar a aprendizagem de factos, mas a “pôr os sobreviventes no presente”.

Além de todas as tecnologias, há um método muito antigo de fazer passar histórias de pessoas: na Alemanha, há voluntários que são uma espécie de embaixadores de sobreviventes que já estão demasiado cansados para se deslocar ou enfrentar plateias. Os voluntários, que conhecem as suas histórias, a maioria por as terem ouvido pessoalmente, contam-nas por eles.

A emissora alemã Deutsche Welle conta como Vanessa Eisenhardt, 29 anos, se tornou a porta-voz de Erna de Vries, 95 anos, e a representa em sessões escolares dedicadas aos Holocausto.

Eisenhardt não viveu a Shoah, mas ouviu Erna contar como ainda hoje, todos os dias, há algo que faz a sobrevivente lembrar-se dos dias que passou no campo de Auschwitz: um pedaço de pão que esteja no chão traz-lhe a memória da muita fome que passou. O tronco branco de uma árvore faz com que se lembre do campo.

De Vries e a mãe foram deportadas para Auschwitz, onde a mãe terá morrido. Erna saiu antes; quando se despediu da mãe, ambas sabiam que não iriam voltar a ver-se. A última coisa que Erna ouviu da mãe foi: “Tens de lutar, tens de sobreviver, e tens de contar a toda a gente o que nos fizeram”.